

"Eu tenho um sonho!" - morte de Martin Luther King completou 50 anos e ex-assessor relembra lutas

"A última campanha de Martin Luther King Jr foi a Campanha dos Pobres. Isso é muito importante, eliminar a pobreza. Isso ainda não foi alcançado".

Leandra Felipe/Agência Brasil

A afirmação é de Tom Houck, ativista que trabalhou na juventude como assistente pessoal de Martin Luther King Jr. e motorista da família dele. Cinquenta anos após a morte de Martin Luther King Jr, completados ontem (4), Houck contou como conheceu um dos principais líderes dos direitos civis nos Estados Unidos e detalhes sobre a vida dele.

Filho e neto de pastores protestantes batistas, Martin Luther King Jr. formou-se em teologia e foi como pastor em Montgomery, capital do Alabama, que iniciou sua luta pela igualdade de direitos para negros e brancos nos Estados Unidos. Liderou, em 1955, o boicote aos serviços de transportes na cidade, após a costureira negra Rosa Parks ter se recusado a ceder o lugar no ônibus para um branco e foi presa. O boicote durou quase um ano e King foi preso.

Na década de 60, durante os boicotes aos transporte públicos, Tom Houck, ainda estudante do ensino médio, decidiu seguir o reverendo Martin Luther King em Montgomery, e, desde então, nunca mais abandonou a luta pela igualdade racial. Houck conta que conheceu o líder norte-americano quando aguardava uma carona, sentado na entrada do Southern Christian Leadership Conference, conferência de liderança cristã, que foi presidida por Martin, organização que defende os direitos civis dos afro-americanos.



Foto feita na marcha de Selma a Montgomery, no Alabama, em 24/3/1965.

a necessidade da família de ter um motorista. E nos nove meses seguintes, Houck levou as crianças de King para a escola e algumas vezes o casal.

Nascido em Massachusetts, Tom Houck relembra as históricas marchas de Selma a Montgomery, em 1965. No 7 de março, 600 manifestantes saíram às ruas para cobrar o direito a voto para os negros no estado. O dia, 7 de março, ficou conhecido como Domingo Sangrento, pois os manifestantes foram violentamente reprimidos pela polícia. A transmissão ao vivo pela TV das imagens de violência chamou a atenção da população. Após duas semanas, King liderou uma nova marcha a partir de Selma. Meses depois, o presidente Lyndon Johnson assinou a lei que permitia o direito de voto para negros.

líder nasceu e viveu. De pé, na parte da frente do ônibus, Tom Houck conta detalhes da história, alguns pouco conhecidos, de Martin e como que era bastante galanteador e fumava muitos cigarros por dia - hábito que irritava a mulher. "Algumas vezes Dr. King me dava os cigarros e eu escondia, porque Dona Coretta saía procurando nos bolsos dele".

Uma das paradas do passeio, por exemplo, é a casa onde o ativista viveu com a família os últimos anos de vida, no sudoeste de Atlanta, um dos bairros mais pobres e violentos da cidade, com maioria dos residentes negros. No tour, Houck tenta mostrar que Martin era uma pessoa real. "Ele não era perfeito. Mas tinha o sonho e teve a visão que conhecemos e que seguimos". Durante o passeio, de três horas, ele mostra contrastes da cidade de Atlanta, como por exemplo uma estátua do General Gordon próxima a um monumento de Martin Luther King.



Tom Houck ao lado da estátua de Martin Luther King Jr. em Atlanta.

"Eu era um rapaz branco, de cabelos longos e castanhos, sentado na calçada esperando uma carona. Foi quando Dr. King me viu e perguntou se eu queria almoçar na casa dele". Houck diz que ainda hoje recorda o cardápio: frango frito, pão de milho, couve, chá doce e pudim de creme de banana. Mais tarde naquele dia, Coretta, esposa de King, comentou sobre

Houck conta que a participação nas marchas de Selma lhe renderam a expulsão da escola de ensino médio que frequentava. "Fui considerado um subversivo. Um rapaz branco marchando em defesa do movimento negro", diz, lembrando que desde criança ficava inquieto com a segregação racial. "Quando eu tinha seis anos de idade, eu ia pra escola e ficava perguntando por que motivo os banheiros de negros e brancos eram separados". Após a marcha de Selma, Houck participou de várias manifestações de desobediência civil não violenta na luta por direitos civis e voto para todos os norte-americanos. Em 1966, chegou a Atlanta para participar do registro de eleitores e passou a trabalhar como assistente e motorista de Martin Luther King.

Hoje, aos 70 anos, Houck criou um passeio turístico especializado em direitos civis em Atlanta, onde conta histórias e experiências vividas com "Dr. King", cidade em que o



Martin Luther King foi um dos principais defensores dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos.

Ao ver a estátua, diz ao grupo: "Esta estátua ainda está aqui?". A reportagem pergunta: "Mas é parte da história, não?". Ele responde: "Sim, mas este general era muito racista". Outra parada é o cemitério onde inicialmente foi levado o corpo de Luther King. Em 1984, o corpo foi transferido para o parque nacional, que fica no centro de Atlanta. Segundo Houck, o motivo foram as tentativas sucessivas de saque ao jazigo da família.

Em 28 de agosto de 1963, Luther King fez seu discurso mais emblemático para mais de 200 mil que marcharam, em Washington, pelo fim da segregação racial. "Eu tenho um sonho. O sonho de ver meus filhos julgados pelo caráter, e não pela cor da pele. No ano seguinte, recebeu o Prêmio Nobel da Paz. Em 4 abril de 1968, foi assassinado a tiros em um hotel na cidade de Memphis. A luta de King levou a implantação da lei dos Direitos Civis e dos Direitos de Voto, em 1964 e 1965, que colocaram fim às normas estaduais de segregação racial nos Estados Unidos. King era casado com Coretta e teve quatro filhos.



No dia 28 de agosto de 1963, em Washington, Luther King pronunciou o discurso que o imortalizaria.